

**ENUNCIÇÃO E SUBJETIVIDADE: ELEMENTOS PARA A ANÁLISE DO
GÊNERO CARTA**

**ENUNCIACIÓN Y SUBJETIVIDAD: ELEMENTOS PARA EL ANÁLISIS DEL
GÉNERO CARTA**

**ENUNCIATION AND SUBJECTIVITY: ELEMENTS FOR ANALYSIS OF THE
LETTER GENRE**



James Washington Alves dos SANTOS¹
e-mail: james.washington@ifal.edu.br

Como referenciar este artigo:

SANTOS, J. W. A. dos. Enunciação e subjetividade: Elementos para a análise do gênero carta. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023064, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.17615>



- | Submetido em: 14/01/2023
- | Revisões requeridas em: 27/02/2023
- | Aprovado em: 10/04/2023
- | Publicado em: 19/09/2023

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Palmeira dos Índios – AL – Brasil. Professor de Sociologia, Departamento de Formação Geral. Doutorado em Ciências Sociais (UNESP).

RESUMO: Neste artigo, vamos trabalhar as noções de enunciação e subjetividade, a partir do gênero carta, produzida como complemento ao conto de Dalton Trevisan intitulado: “Apelo”. Para este intuito, usamos as respostas ao texto feitas pelos alunos do 1º período do curso de Letras Inglês/Português da UNEAL (3 respostas), que se caracterizam como exercício da disciplina de Leitura e Produção de Texto. Metodologicamente, esta análise se coloca como um caminho a ser trabalhado qualitativamente em sala de aula, a saber: pelo uso de exercícios de complemento textual para leitura de gêneros literários (epopeias, narrativas e poesias líricas), tanto quanto para gêneros discursivos (carta, conto, cordel etc.). Assim, este artigo busca definir teoricamente, dentro do gênero discursivo carta, o que seria a interação na linguagem, produzindo sentido de enunciação, bem como a importância da consciência do ‘eu’ para a produção e a leitura do texto, constituindo a realidade fundamental da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Produção textual. Leitura. Enunciação. Subjetividade.

RESUMEN: *En este artículo trabajaremos las nociones de enunciación y subjetividad, desde el género Carta, producidas como complemento al cuento de Dalton Trevisan titulado: "Apelo" (Súplica). Para ello, se utilizaron las respuestas al texto realizadas por los alumnos del 1er período del curso de Letras Inglés/Portugués de UNEAL (3 respuestas), que se caracterizan como un ejercicio de la disciplina de Lectura y Producción de Textos. Metodológicamente, este análisis se erige como una forma de ser trabajada cualitativamente en el aula, a saber: mediante el uso de ejercicios de complemento textual para la lectura de géneros literarios (epopeyas, narrativas y poesía lírica), así como para géneros discursivos (carta, cuento, cuerda, etc.). Así, este artículo busca definir teóricamente, dentro del género discursivo letra, cuál sería la interacción en el lenguaje, produciendo un sentido de enunciación, así como la importancia de la conciencia del "yo" para la producción y lectura del texto, constituyendo la realidad fundamental del lenguaje.*

PALABRAS CLAVE: *Producción textual. Lectura. Enunciación. Subjetividad.*

ABSTRACT: *In this article, we will work on the notions of enunciation and subjectivity, from the letter genre, produced as a complement to Dalton Trevisan's short story, entitled: "Apelo". For this purpose, we used the responses to the text made by students of the 1st period of the Languages English/Portuguese course at UNEAL (3 responses), which are characterized as an exercise in the discipline of Reading and Text Production. Methodologically, this analysis stands as a way to be worked qualitatively in the classroom, namely: through the use of textual complement exercises for reading literary genres (epics, narratives and lyrical poetry), as well as for discursive genres (letter, short story, string etc.). Thus, this article seeks to theoretically define, within the discursive genre letter, what would be the interaction in language, producing a sense of enunciation. As well as the importance of awareness of the 'I' for the production and reading of the text, constituting the fundamental reality of language.*

KEYWORDS: *Text production. Reading. Enunciation. Subjectivity.*

Introdução

Neste artigo, vamos trabalhar as noções de enunciação e subjetividade, a partir do gênero carta, produzida como complemento ao texto base de Dalton Trevisan intitulado: “Apelo”. Este texto faz parte de um livro de contos escrito pelo referido autor, publicado em 1968. Estes contos retratam personagens cotidianos inseridos em pequenos dramas, tendo como localização a cidade de Curitiba e como linha temática a questão do amor.

Foi usando, então, o conto “Apelo”, adaptado na condição de gênero textual carta, como proposto pelo exercício da disciplina de Leitura e Produção de Texto para os alunos do 1º período do curso de Letras Inglês/Português, da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, no ano de 2021. O resultado deste exercício é o que será exposto neste artigo, inserindo na análise das respostas dois elementos conceituais importantes para a Linguística: a enunciação, conceito disposto por Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov (2010), e a subjetividade, trabalhada por Émile Benveniste (2005). O primeiro conceito trata da relação eu/outro e vê tanto no discurso escrito como no falado aspectos de enunciação ideológica, enquanto o segundo conceito trata da expressão do eu, que admite ter voz discursiva. Estes elementos são evidenciados na produção de contos, que podem ser analisados contextualmente como cartas em situações interpretativas específicas.

Ainda em termos teóricos, temos a questão da análise do texto enquanto gênero. Neste debate, trazemos os argumentos de Elias e Koch (2006), principalmente no referente ao gênero discursivo. Como em um recorte revisionista, os autores nos ajudam a entender as possibilidades de junção entre os aspectos dialógico e ideológico e dos aspectos dialógico e subjetivo, sem fazer confusão entre a objetividade e a subjetividade.

Em termos metodológicos e de técnica, usaremos três respostas ao conto adaptado como carta por Dalton Trevisan, que foram escritas pelos alunos que fizeram o exercício descrito acima. Assim, é possível definir a construção de gênero discursivo que não deixa de ter contornos de gênero literário (principalmente como narrativa), tendo ao mesmo tempo a possibilidade, por meio das respostas feitas, de analisar a condição dialógica e subjetiva da produção textual neste caso específico.

Para além desta introdução e da conclusão, teremos, neste artigo, uma primeira seção que abordará de maneira descritiva o texto usado no exercício: “Apelo”, de Dalton Trevisan, identificando seus aspectos literários e discursivos, além de mostrar as respostas que foram produzidas pelos alunos enquanto complemento ao referido texto. Na segunda seção, faremos a análise das respostas, agora em relação aos conceitos de enunciação e subjetividade, isolando

aspectos da escrita e identificando as condições dialógicas dos textos, ao mesmo tempo em que revelamos aspectos de subjetividade deles, através de características morfológicas e semânticas.

O gênero carta a partir do conto “Apelo”, de Dalton Trevisan

Usar o conceito de gênero textual dentro das possibilidades de comunicação escrita e leitura é dizer que esta é uma das dimensões da produção de sentido comunicativo. Segundo Van Dijk (2010), isso diz respeito à atividade verbal (que mostra situações, visões de mundo e resultados de agência), como numa espécie de “demonstração discursiva de ações”.

Já para Marcuschi (2002), o gênero textual é expresso por narrações de ações e operações (psicofisiológicas) que demonstram: necessidades, finalidades, planejamento e dependência da situação. Por isso que a atividade textual dentro do processo de comunicação escrita é vista como dotada de triplo sentido: filosófico, social e comunicativo.

Assim é o conto intitulado “Apelo”, de Dalton Trevisan. Um texto que, pelo próprio título, já insinua a demonstração discursiva de uma ação (apelar), dentro de um monólogo masculinizado que impõe, pela narração, aspectos de necessidades e dependência situacional. Para um melhor entendimento destas questões, segue o texto:

Apelo

Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa de esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

Com os dias, Senhora, o leite primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, e até o canário ficou mudo. Para não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite e eles se iam e eu ficava só, sem o perdão de sua presença a todas as aflições do dia, como a última luz na varanda.

E comecei a sentir falta das pequenas brigas por causa do tempero na salada – o meu jeito de querer bem. Acaso é saudade, Senhora? Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa, calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolhas? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor (TREVISAN, 1996, p. 94).

O conto em questão apresenta, como de costume, uma narrativa curta, tendo como elemento chave a questão do conflito. Contudo, este imbróglio tem dois espaços em termos de narrativa literária e construção textual: o dimensional – verticalizado e localizado no ambiente da casa – e o não dimensional – subjetivo, localizado na consciência do narrador (CANDIDO, 1980). É possível constatar estas duas dimensões em partes da narrativa: “Toda a casa era um

corredor deserto e até o canário ficou mudo” e “Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho”.

Aqui, os signos linguísticos que, pela tradição objetivista (SAUSSURE, 2002), eram “nuances mentais sonoras”, agora se colocam como elementos ideológicos da enunciação (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2010), carregando a relação dialógica: 'eu'/'outro'. Nesta relação, este 'outro' é ser expresso pelo substantivo 'Senhora', enquanto o 'eu' é identificado como a pessoa dentro de uma casa narrando sua situação de abandono². Este 'eu' não é identificado em relação ao seu gênero (poderia ser outra mulher ou mesmo um homem). O que é identificado relacionalmente é o 'outro', uma 'Senhora', que dá a entender-se no sentido de companheira, esposa, cuidadora³. Apesar do texto se apresentar como um monólogo, a disposição textual/discursiva permite que o 'eu' narrador desloque o 'outro' do texto e se ponha na disposição de assumir seu lugar, imprimindo ao próprio texto um toque subjetivo.

Foi justamente isso que foi proposto ao exercício. Que os alunos lessem o texto de Dalton Trevisan, “Apelo”, e fizessem a resposta ao conto, assumido aqui como uma carta, desenvolvendo uma resposta de autoria de cada aluno como produção textual individual. Com isso, o caráter objetivo do 'outro' assume, segundo as colocações de Benveniste (2005), a posição de um 'tu', ou, de um 'outro eu' dentro do processo dialógico. O interessante é que as respostas assumem, neste sentido, o caráter de exercício discursivo.

Não custa lembrar que tratamos de uma tarefa de 1º período de graduação em Letras Inglês/Português na matéria de Leitura e Produção de Texto, mostrando como funciona operacionalmente a produção textual dialogada e contextualizada.

O uso dos chamados signos linguísticos, relidos como elementos ideológicos e como expressão de subjetividade, se configura como um estímulo à ação e à interação pelo uso da linguagem escrita. Conforme Austin (1990) expressa: seleção de palavras, projeto gramatical, além de fixação e reprodução. Porque é, acima de tudo, uma atividade humana que impõe:

- a) Realização verbal e intenção verbal;
- b) Enunciação e subjetividade;
- c) Domínio da língua;
- d) Fatores funcionais e estilísticos;
- e) Fatores afetivo-expressivos;
- f) Diferenças de contexto e experiências verbais;

² Aqui caracteriza-se a posição de leitor do texto.

³ Aqui caracteriza-se a posição de subjetividade em relação às 'fissuras' do texto.

g) Situação comunicativa.

Por este motivo (ELIAS; KOCH, 2006), falam em 'modelo textual', que se configura como um gênero textual (pode ser em forma de carta, conto, cordel etc.), evidenciando uma ação comunicativa que dispõe de legitimidade, funcionalidade, semanticidade, referência, intencionalidade, composição e gramaticalidade.

Estes elementos ajudam a entender como os gêneros textuais são formados e atuam. Poderíamos, ainda, somar a estes elementos os parâmetros de coesão e coerência textuais trabalhados por Antunes (2009), mas estes seriam os passos para outro artigo. Ficaremos, então, com as nuances da enunciação e da subjetividade, deixando claro que se trata de uma discussão inicial, fruto do que já foi abordado, lançando novas luzes sobre os temas e o texto em questão.

Foram feitas, então, intervenções ao texto de Dalton Trevisan (1996), através das respostas ao seu conto, na forma de cartas. A carta é um gênero textual que visa ser uma comunicação direta, em sentido denotativo, intrínseca à mensagem enviada na condição de interlocução, ou seja, a condição de 'outro' ou de 'tu' no processo dialógico.

Pode ser feita de maneira pessoal ou formal, e perante o contexto de resposta ao conto de Dalton Trevisan, podemos constatar, em primeiro ponto, o grau de informalidade das respostas dadas e, em segundo, o nível de subjetividade e gênero. Como forma de ilustrar nossas argumentações, seguem os 3 textos-resposta dentro do gênero textual carta:

Primeira resposta:

Ó preguiçoso! Quantas noites tive que te esperar preocupada com tuas saídas. Sem dizer que horas voltava, onde ou com quem estavas, chegando nas madrugadas irresponsável e embriagado, falando alto e querendo comida, depois de ter bebido as suas doses. Não me sinto tocada pelas palavras torpes de quem no fundo não tem consideração nenhuma por quem o ama, desdenhando da preocupação e do carinho ofertado.

Quanto aos jornais, a notícia velha que debes estar cansado de saber todos os dias é do meu descontentamento com esta relação de subserviência amorosa que vivo. Tudo esta fora do lugar. Primeiro o teu coração insensato, depois as meias, depois os sapatos, depois os jornais, depois tudo nesta casa, incluindo o deslocamento que é pensar que faço tudo e tu não fazes nada.

Por fim, posso sim voltar, mas não renovo mais uma palha para te ajeitar nos teus comportamentos, viverei na mesma casa, mas não a tua vida de comodidades, viverei na mesma casa, mas não sujeita e viver a tua vida, na face do que ela é menos cômoda.

Assinado,

Mãe.

(Resposta – Aluno A).

Segunda resposta:

Filhinho,

Estes primeiros dias foram apenas como se fosse um dia silencioso dentro de casa e você estava sem acreditar que isto um dia iria acontecer. Mas você cresceu, e cresceu, e vai crescer ainda mais, a vida não deixa nenhum detalhe passar, o tempo passa, não esqueça, cuide de tudo, o novo tempo chegou.

E o que é saudade? É a ausência das experiências poderosas que tivemos juntos, inundando as nossas vidas de acasos tão simples, com uma tempestade de amor. Experiências estas que exerciam seu poder de me conquistar a cada detalhe.

Sinto dizer que isto é só o início do que você chama de saudade, e você vai querer reviver estas mesmas experiências, mas agora é a sua vez de criar momentos e situações, é sua vez de viver.

Saudades.

Da sua Senhora.

(Resposta – Aluna B).

Terceira resposta:

Meu querido, não se preocupe. Que depois de um mês ausente estou chegando, na bagagem estou trazendo novas esperanças, amor e muita compreensão.

Com as coisas bagunçadas, não precisa se preocupar, estou voltando para colocar tudo no devido lugar, inclusive, nossas vidas. Pois a saudade de você é muito grande, nossas noites na varanda, com a luz da lua, faz nossos momentos serem inesquecíveis. Volto porque te amo!

Também sinto falta do seu cheiro, do seu sorriso marrento, dos seus lábios grossos e até das nossas pequenas brigas. Apesar de seu sofrimento ser grande, eu também sofro muito. Você, com esse seu jeito desorganizado, eu não ligo, só quero mesmo é estar ao seu lado. Estou voltando, meu amor, minha vida, meu eterno amado!

Atenciosamente, sua amada.

Maria Heloísa

(Resposta – Aluna C).

Os 3 textos mencionados acima, além de expressarem condições dialógicas de enunciação, mostram que esta não é deslocada da situação objetiva/subjectiva de gênero. Temos aqui a resposta a um monólogo por meio do discurso de uma mãe (primeira resposta), de uma Senhora (segunda resposta) e da mulher amada (terceira resposta). Todas as respostas foram

feminilizadas, o que indica, dentro das proposições objetivas do diálogo, a criação textual de respostas via personagens mulheres, independente da locação de gênero dos escritores das respostas. Esta questão levanta alguns pontos interessantes: porque a construção de respostas indica aqui uma posição de gênero definida? Como isso é fruto da subjetividade do escritor, para além da objetividade do gênero discursivo em questão (carta)? E como isso reverbera em uma resposta textual e social, concomitantemente. Estas serão questões a serem debatidas na seção seguinte.

A enunciação e a subjetividade na produção textual: respostas a um exercício

O início do texto de Dalton Trevisan é curto e direto na enunciação do caso: “Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa de esquina.” E na enunciação do dilema: “A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, e até o canário ficou mudo. Para não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos” (TREVISAN, 1996).

Assim, é construído o contexto e, apesar da 'certeza' da referência a um discurso masculino, o autor deixa uma 'fissura' no texto para pensarmos, quem sabe, um discurso feminino. Logo, de antemão, já seguem alguns enunciados interessantes: o homem é quem bagunça, a mulher é quem arruma; O homem é quem sai com os amigos, a mulher é quem o esperar após a “noitada” no bar. Dessa forma, os signos parecem estabelecer um sentido pela objetividade, mas podem muito bem dar novas possibilidades de interpretação. E esta não seria uma questão de gênero, mas de enunciação e ideologia, sobre a forma como recebemos o discurso de outrem:

Mas esses esquemas e suas variantes só podem ter surgido e tomado forma de acordo com as tendências dominantes da apreensão do discurso de outrem; além disso, na medida em que esses esquemas assumiram uma forma e uma função na língua, eles exercem uma influência reguladora, estimulante ou inibidora, sobre o desenvolvimento das tendências da apreensão apreciativa, cujo campo de ação é justamente definido por essas formas.

[...] isso testemunha então a favor do fato de que as tendências dominantes da compreensão e da apreciação da enunciação de outrem têm dificuldade em manifestar-se sob essas formas, pois estas últimas as freiam, não lhes deixando campo suficiente (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2010, p. 150).

O campo de ação interpretativo é um campo de tensão dentro da produção textual, onde ocorrem uma série de 'freios sociais' que inibem as interpretações alternativas ou subjetivas fora

do padrão. O interessante é que, no próprio exercício proposto, por questões de construção morfológica, não é possível alterar a composição de gênero do 'outro' – Senhora, o que não pode ser dito da figura do 'eu'. Contudo, nenhuma das pessoas que fizeram o exercício alteraram a composição do 'eu', de masculino para feminino, dispondo apenas da opção masculino como forma padrão na relação proposta. Assim, o 'outro' que responde pela mão dos alunos que emitiram a resposta é sempre um outro feminino que responde a um masculino, subjetivamente ao exercício:

Ó preguiçoso! Quantas noites tive que te esperar preocupada com tuas saídas. Sem dizer que horas voltava, onde ou com quem estavas, chegando nas madrugadas irresponsável e embriagado, falando alto e querendo comida, depois de ter bebido as suas doses. Não me sinto tocada, pelas palavras torpes de quem no fundo não tem consideração nenhuma por quem o ama, desenhando da preocupação e do carinho ofertado.

[...] Assinado,
Mãe.

(Resposta – Aluno A).

Filhinho,

Estes primeiros dias foram apenas como se fosse um dia silencioso dentro de casa e você estava sem acreditar que isto um dia iria acontecer. Mas você cresceu, e cresceu, e vai crescer ainda mais, a vida não deixa nenhum detalhe passar, o tempo passa, não esqueça, cuide de tudo, o novo tempo chegou.

E o que é saudade? É a ausência das experiências poderosas que tivemos juntos, inundando as nossas vidas de acasos tão simples, com uma tempestade de amor. Experiências estas que exerciam seu poder em me conquistar em cada detalhe.

[...] Da sua Senhora.

(Resposta – Aluna B).

Meu querido, não se preocupe. Que depois de um mês ausente estou chegando, na bagagem estou trazendo novas esperanças, amor e muita compreensão.

Com as coisas bagunçadas, não precisa se preocupar, estou voltando para colocar tudo no devido lugar, inclusive, nossas vidas. Pois a saudade de você é muito grande, nossas noites na varanda, com a luz da lua, faz nossos momentos serem inesquecíveis. Volto porque te amo!

[...] Maria Heloísa

(Resposta – Aluna C).

Repete-se por suas duas vezes a condição de mãe (na primeira resposta como mãe e na segunda como Senhora e mãe). Já na terceira, aparece como mulher (companheira em sentido amoroso). O curioso é que estas situações discursivas não evidenciam apenas o uso dos substantivos: mãe; senhora e mãe e mulher, mas papéis condicionados à figura feminina, sempre disposta a um masculino (GIDDENS, 1993; FOUCAULT, 2012). É necessário frisar também

que, segundo Benveniste (2005, p. 286), os pontos de subjetividade que orientam estas construções textuais estão ancorados na própria linguagem que faz o sujeito:

Na linguagem e pela linguagem é que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta a realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego” [...].

A "subjetividade" de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito” [...].

[...] Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade que eu me torne tu na alocação daquele que por sua vez se designa por eu. Vemos aí um princípio cujas consequências é preciso desenvolver em todas as direções.

Mesmo perfazendo o caminho tradicional da relação: homem (eu), mulheres (outrem/tu), Benveniste coloca o fato de que a linguagem é elemento construtor do sujeito. Não interessa se neste fato as relações objetivas de subserviência são escancaradas pelos enunciados, como é possível constatar na construção do texto e de suas respostas, mas o importante é a evidência de que a construção textual é construção de subjetividade.

Se o aluno A se coloca na situação de uma mãe que responde ao seu filho de forma contundente, reclamando de desleixo comportamental, isso se dá pelo uso de características morfológicas (de classes gramaticais) e semânticas (de expressão de sentido), de uma realidade objetiva e subjetiva que se constrói a partir das impressões deixadas por Dalton Trevisan em seu conto, manifestadas em relação ao interlocutor que o responde.

Da mesma forma a aluna B, que usa a expressão 'filhinho', para categorizar já no início de sua resposta a figura de uma mãe que agora deixa o seu filho 'se virar por si mesmo', uma vez que terá de aprender pelos próprios atos como gerir sua vida, ao invés de contar com os cuidados de sua mãe.

Não é diferente com a aluna C. Todavia, uma ressalva deve ser feita. Subjetivamente, esta usa expressões como: amor, saudade, sofrimento, minha vida e eterno, para dar um ar conciliatório, sendo a única a dar como resposta ao 'eu' de Dalton Trevisan um final subjetivamente feliz.

Estas evidências (mostradas por meio das respostas aqui elencadas) são expressões de uso da enunciação e da subjetividade como elementos de construção de um 'outro' e de um 'tu', por meio do gênero textual conhecido como carta. Esta construção é fruto não apenas de correspondências estruturais entre a realidade histórica e o texto, mas também envolve a leitura subjetiva que é feita pelos interlocutores que, num primeiro momento, são leitores, mas quando passam a responder como alunos a um texto, apresentando suas impressões, se colocam na

condição de autores com leituras subjetivas de mundo, que expressam as características estruturais de forma diferente, se utilizando de recursos discursivos, estilísticos, morfológicos e semânticos como ferramentas de expressão.

Considerações finais

O artigo em questão analisou a produção de três cartas a partir de um exercício feito academicamente, tendo por base o conto de Dalton Trevisan intitulado: “Apelo”. Este último foi colocado na condição de carta e o docente solicitou aos alunos da disciplina de Leitura e Produção de Texto que elaborassem 'respostas' à narrativa em questão.

Destas respostas, separamos três e as colocamos como objeto de análise, descrevendo não apenas o conto “Apelo”, integralmente, como também as respostas dadas pelos 3 alunos ao conto. Esta escolha se dá pela possibilidade comparativa, que se muito extensa, demandaria um volume maior de dados e análises, algo inviável para um artigo mais analítico-conceitual e curto.

Como base teórica e metodológica para a análise destas respostas, elencamos duas teorias: a da enunciação, de Bakhtin e Volóchinov (2010), e a da subjetividade perante os gêneros textuais, de Émile Benveniste (2005).

As respostas analisadas dispõem em termos metodológicos e conceituais tanto de características enunciativas (que evocam dialogismo e elementos ideológicos em seu contexto produtivo), como características subjetivas (na medida em que o desenrolar da história como complemento passa pelo crivo do final que cada autor deseja, dentro da interlocução). Neste sentido, não se trata de um exercício, apenas, mas do manejo e da efetivação da produção textual, além do domínio de uma série de características subjetivas, sociais e gramaticais.

Destarte, cabe salientar a experiência como válida e produtiva, podendo considerá-la, ainda, como um método qualitativo e uma técnica de produção textual a ser usada de maneira dialógica e lúdica não apenas no contexto do ensino superior, mas também em outros níveis e modalidades de ensino, como exercício prático em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- AUSTIN, J. L. **Quando Dizer é Fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. O discurso de outrem. *In: Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 139-149.
- BENVENISTE, É. Da subjetividade da linguagem. *In: Problemas de Linguística Geral*. São Paulo: Edusp, 2005. p. 284-315.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1980.
- ELIAS, V. M.; KOCH, I. V. Texto e intertextualidade. *In: Ler e compreender*: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006. p. 108-124.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.
- GIDDENS, A. **Transformações da Intimidade**: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas; São Paulo: UNESP, 1993.
- MARCUSCHI, L. A. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- TREVISAN, D. A. **“Mistérios de Curitiba”**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- VAN DIJK, T. A. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Tradução: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2010.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Não aplicável.

Financiamento: Agradeço o apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas - IFAL.

Conflitos de interesse: Não aplicável.

Aprovação ética: Não aplicável.

Disponibilidade de dados e material: Não aplicável.

Contribuições dos autores: James Washington Alves dos SANTOS é responsável pela pesquisa, análise e redação do artigo.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

